

# jornal da tarde

Publicado pela S.A. O Estado de S. Paulo  
Av. Engenheiro Coeteno Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).



JÚLIO MESQUITA  
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
(1927 - 1969)

Director Responsável

RUY MESQUITA

Directores

José Vieira de Carvalho Mesquita  
Júlio de Mesquita Neto  
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
Ruy Mesquita  
César Tício Lopes Costa  
José M. Homem de Montes  
Oliveiros S. Ferreira

## Sarney assumiu o poder. Palmas para ele.

Finalmente, o sr. José Sarney tomou posse na presidência da República. Cansou-se de tentar correr atrás do PMDB, esta massa amorfa e sem rumos definidos; traçou o seu próprio — e é um rumo muito claro — e avisou: agora eu sou a bússola. Quem quiser, que siga para onde estou apontando. E quem não quiser, que vá para o diabo...

Antes tarde do que nunca! É o País quem agradece.

Nesta altura dos acontecimentos, nesta situação em que se encontra o País — há um ano girando em círculos sem uma direcção definida a seguir — não é o que o presidente disse que importa. É o tom em que o disse. E o tom desse discurso de ontem não deixa dúvida: o presidente não se intimidou com as ameaças do PMDB e afirmou sua autoridade de maneira categórica.

Esteve perfeito em seu papel. Tentou, até o último minuto, evitar a guerra que o PMDB lhe declarou. E se ainda havia dúvidas sobre a existência desta guerra, as atitudes dos srs. Fernando Henrique Cardoso, líder do governo no Congresso, Pimenta da Veiga, líder do governo na Câmara, e Humberto Lucena, líder do governo no Senado, de recusarem o convite do presidente e boicotarem a sua primeira reunião com o novo Ministério, acabam com elas. Diante do inevitável, Sarney não só aceitou o desafio que lhe lançavam, como, imediatamente, se armou para vencê-lo: pelo lado da orientação administrativa: de seu governo, com a afirmação de que "o que será exigido é eficiência, eficácia", e não uma rotulagem ideológica, seja ela qual for; e, para se defender contra a previsível guerrilha com que o PMDB passará a fustigá-lo, concentrando nas mãos do chefe do seu Gabinete Civil, Marco Maciel, alguns dos mais poderosos instrumentos de que dispõe o governo para favorecer a "benevolência" dos elementos da rede capilar do sistema político (os Estados e municípios), e o varejo eleitoral, ou seja, a Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência, que distribui as verbas da publicidade oficial, e, mais importante do que esta, a Secretaria de Articulação com os Estados e municípios do Ministério do Planejamento, que controla as relações e o fluxo de verbas entre a União, os Estados e os municípios. Como usará esta arma tão poderosa, não o sabemos. Digamos, considerando-se que estamos no Brasil, que o fará de modo "previsível". Mas o que importa, para este comentário, é que, ao brandi-la de maneira tão ostensiva, o presidente está confirmando, a quem interessar possa, que entrou no jogo, e está disposto a jogá-lo para valer, de acordo com as regras — ou com a falta de regras — que, concretamente, vigoram...

Mas é a nossa própria história recente que comprova que se não se confirmar a primeira orientação dada pelo presidente — a de que o que se espera é eficiência — esta outra arma, por mais que se recorra a ela, não pode conseguir grande coisa. Não foi só o último governo da Velha República que fez esta constatação. Também o PMDB, nas últimas eleições, deixou de lado a eficiência dos governos que controlava e confiou inteiramente nesta "arma de apoio", acionando "generosamente" os bancos estaduais, que até hoje não se recuperaram da sangria. Colheu amargos resultados...

Assim, a recuperação da eficiência como único critério, em detrimento da ideologia, é uma decisão sábia e carregada de bom senso. O presidente dispunha de vários fatos, que o empurravam para essa decisão. Primeiro, como dissemos, o exame do desastre eleitoral que o PMDB sofreu principalmente por tentar, nas últimas eleições, esconder a completa ausência de realizações de seus governos apoiando as suas campanhas eleitorais nas principais capitais do País exclusivamente na disputa ideológica que supunha estar em jogo.

O eleitor brasileiro provou que, ao contrário do que aconteceu com os políticos, ele mudou e amadureceu muito, nestes últimos 20 anos, e hoje é perfeitamente capaz de discernir, muito rapidamente, o que é puro fisiologismo do que é uma militância política séria. Aliás, sobre esta característica dominante do PMDB — o seu fisiologismo — ninguém a conhece melhor do que o próprio presidente Sarney que, ao longo deste primeiro ano de governo, conforme tem confessado aos amigos mais chegados, teve poucas ou nenhuma oportunidade de discutir com os membros do PMDB qualquer assunto de interesse nacional. A permanência nos cargos ou a sua distribuição é tudo que lhes interessa, como ficou mais uma vez provado neste deprimente espetáculo da reforma ministerial que acabou esgotando a paciência presidencial. E, ao que tudo indica, nem o resultado das últimas eleições e nem este último leilão de cargos foi suficiente para despertar a sensibilidade dos peemedebistas. Ao contrário, já começam a aparecer os sinais que tudo só serviu para aguçar ainda mais o seu fisiologismo contumaz: os primeiros ratos — os mais "espertos" —, sentindo os ventos desfavoráveis, já se preparam para abandonar o navio, oferecendo-se às siglas que supõem em ascensão...

É por todas essas razões que consideramos acertada a corajosa decisão do presidente de recolocar as coisas nos seus devidos lugares. O Brasil não perde grande coisa com o fim do idílio entre o presidente e o PMDB; muito pelo contrário. Mas, nesta nova situação, mais do que nunca o futuro do governo Sarney será determinado exclusivamente pela eficiência que ele puder exhibir no esforço para resolver os problemas nacionais, ou melhor, o problema nacional. E ele não é outro senão o problema económico-financeiro, que, por sua vez, decorre exclusivamente do nosso subdesenvolvimento político que, agora, o presidente Sarney deu o primeiro passo para superar. Isto, e mais nada do que isto, interessa aos eleitores.

Aliás, é quando se refere a esta questão que encontramos um ponto em que discordamos do discurso do presidente. É quando ele afirma que "não descansará enquanto não levarmos ao campo social e económico o que já conquistamos no campo político". Na verdade, a orientação que lhe garantiria a eficiência desejada seria justamente a oposta: o presidente deveria tentar levar ao campo político a eficiência que este país já exhibe no campo da economia privada. Porque é apenas nisso que se resume o problema nacional: na imutabilidade e no anacronismo dos costumes políticos em um país que dispõe de elites empresariais técnicas e científicas comparáveis às dos países mais desenvolvidos do mundo, e nos problemas que os primeiros criam para os segundos, impedindo-os de trabalhar e de render tudo que podem render.

A propósito, o que nos pareceu menos elogiável no discurso presidencial foi uma omissão: ele não se

referiu nem uma vez ao problema crucial das estatais.

Mas, de qualquer forma, se os novos ministros do presidente Sarney se adequarem aos padrões que sempre vigoraram na iniciativa privada deste país, não precisarão fazer grande esforço para cumprir as metas que ele prescreveu, como aquela de "não gastar nada fora do que está orçado", o primeiro e mais elementar dos mandamentos para qualquer um que almeje eficiência em administração.

20F

Uma r presiden combate modo ino contro c nisterial da. Julg cepciona monstra controle se insere um no el tauração País.

A insisi cerbar a com a e preços, l obsessiva que nem mas nor meio ao gerado p a retoma ses consi no da o áreas téc bilidade, será alca douros, e controle n

Quando mento da expectati ocorrer se nificar cr aumento efeito de atual aum burto, pri quência c não passa senvolvim

d

no er tas is a é, n oria e pa da e o nív rtios e sariais nas i aso e o, de e a.

depreo do Gov ização lo na c dimento ão nã clinio le econ m das s meta etidas

acioná como l íavel o p e econô sob os v nsição i m que c salário rações nentos r mais á rtias de ticos. E os no cr ia em fa contrové o de que de e cap